



A ATUAL POLÍTICA EXTERNA DA CHINA

Juarez Danton Vianna de Abreu Gomes

Coronel de Artilharia da Turma de 17 Dez 48, promovido, por merecimento, ao posto atual em 25 Dez 73.

Possui os cursos da Academia Militar das Agulhas Negras, da Escola de Material Bélico, da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército.

Foi redator da Military Review (Estados Unidos da América do Norte) e, atualmente, exerce a função de Instrutor da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, chefiando a Seção de Estratégia.

Com a recente visita de nove dias do Marechal Tito da Iugoslávia à China, aparentemente procurou-se iniciar a normalização das relações entre os partidos comunistas dos dois países. Ao término de sua visita, Tito declarava que a pretendida colaboração bilateral nos setores econômico, cultural e científico se estenderá também ao campo ideológico. Ficou acertado que, em breve, o Primeiro-Ministro Hua Kuo-feng visitará Belgrado "em data oportuna".

Por outro lado, a Albânia intensifica sua campanha contra a China, estando praticamente consumado o rompimento entre os dois países. Anunciaram-se prisões de líderes albaneses favoráveis a Pequim. A Albânia acusa o novo governo chinês de "revisionista, com suas teorias e práticas procura sabotar a ação dos partidos marxistas — leninistas contra os Estados Unidos e a União Soviética". Critica a política externa chinesa e o conceito estratégico dos "três mundos", cuja tese admite que uma das superpotências é mais perigosa que a outra.

A Albânia, que desde a 2ª Guerra Mundial adota uma linha inflexivelmente stalinista, rompeu em 1960 com Moscou e, desde então, tinha a China por aliado. Suas relações com Pequim começaram a deteriorar-se quando Hua Kuo-feng assumiu o poder após a morte de Mao Tsé-tung. Tudo indica que Enver Hoxha, o dirigente albanês, estava ligado ao grupo radical de Chiang Ch'ing agora expurgado.

Estas são algumas conseqüências da morte de Mao Tsé-tung e da grande substituição ocorrida no Politburo do PC Chinês há um ano atrás. A velha rixa entre os moderados pragmáticos de Hua Kuo-feng e os radicais da chamada "camarilha dos quatro", liderada por Chiang Ch'ing, foi vencida pelos primeiros.

A principal força dos radicais provinha dos "rebeldes operários e camponeses", mais operários que camponeses. Estes rebeldes desempenhavam importantes papéis: direção de sindicatos, desenvolvimento da milícia de operários, instigação das reivindicações operárias, ação ativa nos comitês e liderança de certas regiões militares. Esta ala abarca um grupo de elementos do partido dentro das Forças Armadas.

A queda de Lin Piao permitiu a recuperação dos funcionários públicos civis na administração, os quais, com maiores poderes, incrementaram seus contatos e colaboração com militares profissionais a ponto de, juntos, formarem uma ala.

A razão principal dessa união provém de que ambos se opunham ao radicalismo dos seguidores de Chiang Ch'ing. Os militares viam estes até como inimigos políticos que preponderaram sobre eles durante a Revolução Cultural. Outro fator de união foi a constatação de que o confronto entre os militares e funcionários civis repercutiria negativamente na segurança e no processo social e econômico.

Admite-se que Mao Tsé-tung tenha percebido a possibilidade de que seu apoio a esse grupo — o que realmente ocorreu — impediria a tomada do poder pelos radicais após sua morte.

É verdade que no início da Revolução Cultural, os funcionários civis deste grupo apoiaram a orientação de Mao, chegando até a auxiliar a facção de Chiang Ch'ing. Experimentados no exercício da administração, mais tarde apoiaram os esforços de Chou En-lai e Teng Hsiao-ping para reduzir os excessos da Revolução Cultural, o que os levou a um confronto direto com os radicais. Enquanto Mao estava vivo, a luta entre as duas facções manteve-se em equilíbrio. Ao morrer, os radicais foram sendo expurgados em todos os níveis do partido, desde o Comitê Central até os comitês de província, inclusive o Departamento de Propaganda e os meios de comunicação.

A reabilitação de Teng Hsiao-ping só se deu dez meses após a morte de Mao Tsé-tung, embora logo após esta, tenham começado a aparecer artigos nos jornais do Partido em prol da anulação da decisão de abril de 1976, que o demitiu dos cargos de Vice-Primeiro Ministro e Vice-Presidente do PC Chinês. Tal demora deveu-se a que aquela decisão foi pessoal de Mao Tsé-tung decorrente dos incidentes de T'ienanmem (demonstrações em favor de Chou En-lai, o qual caíra nas simpatias de Teng Hsiao-ping pelas perseguições sofridas de Chiang Ch'ing e os seus).

Foi preciso dispor bem as coisas para que sua volta não deslustrasse a imagem de Mao Tsé-tung. De fato, o aniversário da morte deste foi grandemente lembrado, com a inauguração de seu mausoléu.

Teng Hsiao-ping é atualmente Vice-Primeiro Ministro e membro do triunvirato que dirige a China; é, no entanto, considerado o homem forte, real condutor do governo, mais do que Hua Kuo-feng e do Ministro de Defesa Yeh Chien-Ying.

O grupo moderado-pragmático, agora no poder, considera que o progresso econômico e social dependerá mais da tecnologia e da ciência do que dos pensamentos de Mao. Já anunciou que adotará uma política econômica que enfatizará a centralização da produção em grandes empresas, modernização da indústria e da agricultura e importação e tecnologia. Em muitos pontos essas diretrizes contrariam as teorias de Mao Tsé-tung.

O novo governo dividirá a China em grandes regiões econômicas, política essa já tentada mas abandonada durante a Revolução Cultural. O plano acima prevê até o final da década atual a completa modernização da agricultura, da indústria e das forças militares.

No discurso que fez no XI Congresso do PC chinês, Teng Hsiao-ping pediu "mais trabalho e menos conversa". A doutrinação política nas fábricas e nos campos foi substituída por teses sobre desenvolvimento e modernização agrícola.

POLÍTICA EXTERNA

O desaparecimento de Mao até agora não provocou nenhuma mudança considerável na política externa chinesa, particularmente para com a Ásia.

A União Soviética

Para os líderes chineses, a razão básica do antagonismo para com a União Soviética e os Estados Unidos é sua convicção de que esses países — "superpotências hegemônicas" — disputam entre si o domínio do Mundo. Pequim deseja ser uma terceira opção para os demais países, particularmente aqueles em desenvolvimento.

Tal como fez com o Ocidente, a União Soviética procurou adotar com a China uma certa "détente" que lhe permitisse criar um escudo protetor de países satélites que envolvesse a China pelo sul. Desta forma, a China teria a União Soviética ao norte e ao sul (figura 1). Esse escudo protetor se assemelharia ao hoje existente na Europa Oriental. Por isso, desde a morte de Mao Tsé-tung vem a União Soviética tentando uma reaproximação, valendo-se dos argumentos de identidade de regimes e do marxismo-leninismo. Mas o novo governo, aparentemente cômico das intenções expansionistas soviéticas, negou-se até agora a qualquer aproximação.

Em maio de 1977, os líderes soviéticos, depois de aguardarem oito meses por ventos favoráveis de Pequim, aparentemente desistiram de tentar melhorar as re-

lações com a China e reencetaram a polêmica. O Pravda chamou os atuais líderes chineses de "tão belicosos e expansionistas quanto Mao Tsé-tung".

Há, sem dúvida, entre os líderes chineses, um grupo que não é favorável às relações com os EUA e acha que seria melhor agora voltarem-se para Moscou, já que os Estados Unidos estão vistos.

Em agosto passado, como nova tentativa, a agência Tass conclamava os novos dirigentes chineses a orientar o país para "uma política de distensão e cooperação com os países socialistas". Era um apelo que contrastava com os violentos ataques soviéticos dos últimos meses. Se, por um lado, os russos declaram que "a Sagrada Aliança Pequim-Washington, se utilizada para pressionar a URSS, pode converter-se num jogo sem qualquer perspectiva de futuro e, além do mais, muito perigoso" muitos chineses, por seu lado, consideram que os EUA estão usando suas ligações com a China meramente como arma contra os russos.

Os Estados Unidos

A aproximação sino-norte-americana, buscada pelos EUA, encontrou receptividade favorável por parte da China, pois com isso ela, pretendendo ser uma superpotência mundial no fim do século, acaba com o isolamento político e diplomático que a manteve atrasada de muitos anos.

Ademais, a aproximação com os Estados Unidos e conseqüentemente participação da China na ONU virá dificultar qualquer ação nuclear preventiva da URSS, pela natural reação que tal atitude provocaria na comunidade de nações. A maior ligação com os Estados Unidos, ainda dificultada pelo problema de Formosa, servirá para que Pequim possa "penetrar" nas relações dos norte-americanos com o Japão, enfraquecendo-a no seu antagonismo contra a China. Por último, o próprio problema de Formosa, no qual a China não pode ceder, tenderá a resolver-se tão logo os Estados Unidos encontrem uma saída honrosa de seus compromissos com o velho aliado.

O Japão

Após a Revolução Cultural, a China procurou melhorar as relações com o Japão em face de suas preocupações sobre as intenções soviéticas na Ásia e por reconhecer que este país tem grande influência na área, mercê de seu poder econômico e político.

Em setembro de 1972 reiniciaram-se as relações diplomáticas, o que foi visto com apreensão pela União Soviética. O Japão procurou manter em equilíbrio suas relações com este país e a China. Em conseqüência, viu-se enleado no confronto sino-soviético, como bem exemplifica a discordância em torno da inclusão ou não da cláusula anti-hegemonia no tratado de Paz China-Japão, em elaboração. A China muito se esforça em impedir uma hegemonia soviética na Ásia, daí porque procura incluir em todos os tratados e comunicados internacionais conjuntos com

outros países, uma cláusula condenatória de qualquer possível hegemonia.

Não obstante, o Japão mostra-se relutante em aceitar tal inclusão em seu tratado com a China por três razões: deseja manter-se neutro na disputa sino-soviética, deseja evitar qualquer atitude de condenação da presença norte-americana na Ásia e, por último, não deseja provocar a ira soviética, pois pretende reaver as ilhas Curilas e a parte inferior da ilha Sacalina de que a Rússia se apossou ao término da 2ª Guerra Mundial. Ademais, os direitos de pesca na zona de 200 milhas estabelecida pela URSS não foi resolvido definitivamente.

Com a morte de Mao Tsé-tung, as negociações do tratado ficaram paralisadas. Nem os novos líderes chineses, nem o Governo Japonês tomaram até agora qualquer atitude para melhorar as relações mútuas. O Japão continua evitando envolver-se no confronto sino-soviético. Quanto à China, embora não pretenda ceder em seus pontos de vista, busca a amizade japonesa como forma de conter a influência soviética.

Sudeste da Ásia

Como em todo o Terceiro Mundo, a China procura conquistar uma posição influente nos assuntos internacionais da Ásia, tentando limitar a ação da União Soviética.

Em 1969 a China alterou a política que vinha adotando de apoiar os movimentos subversivos nos países asiáticos. Preferiu conquistar a amizade dos regimes contra os quais até então se opunha. Tal mudança deveu-se à necessidade de contrapor-se à crescente influência soviética.

Com isso, restabeleceram-se relações diplomáticas com a Malásia, as Filipinas e a Tailândia.

Em Janeiro de 1976, a Rádio Pequim elogiava a ANSA (Associação das Nações do Sudeste Asiático)*, por suas sucessivas vitórias contra o hegemonismo, essa mesma ANSA que a China havia pouco chamava de "Aliança antichinesa, anticomunista".

Os crescentes entendimentos de Moscou com o governo vietnamita de Hanói vem preocupando os dirigentes chineses.

Após a morte de Mao Tsé-tung, o governo chinês tem procurado cultivar boas relações com todos os governos asiáticos. Com o Vietnã, entretanto, seus esforços não têm dado grandes resultados: as pretensões de ambos os lados por certas ilhas do Mar da China Meridional, as tentativas de Hanói de melhorar suas relações com a ANSA e a busca pelo Vietnã de aproximação com os Estados Unidos têm dificultado a consecução daqueles objetivos chineses.

* A ANSA é formada por Indonésia, Tailândia, Malásia e Filipinas; abrange 80% da população do SE da Ásia e busca o regionalismo como extensão do nacionalismo.

Índia, Paquistão e Bangladesh

As lutas fronteiriças indo-chinesas de 1962 fizeram romper-se as relações entre os dois países, dando à União Soviética oportunidade de aumentar sua influência na área. Para Moscou, a Índia era muito importante no seu confronto com a China. O tratado de Paz, Amizade e Cooperação, de agosto de 1971, fez a URSS penetrar na Ásia; deste tratado três artigos referem-se a aspectos militares, propiciando à Índia segurança quanto à integridade territorial (a China ocupou o território do Aksaichin em sua invasão de 1962).

Sem relações com a Índia, Pequim voltou-se para o inimigo desta, o Paquistão. Este cindiu-se em 1971 com o auxílio da Índia. Embora em julho do ano seguinte os dois países tenham firmado o Acordo de Simla, não há um clima de amizade e cooperação.

O Paquistão chegou até a cooperar na reaproximação sino-norte-americana de 1971/72.

A crise de Bangladesh em 71 e a 3ª Guerra indo-paquistanesa impedem qualquer melhoria das relações entre a China e a Índia, máxime em face da atuação da Índia no desmembramento do Paquistão e o apoio diplomático soviético à intervenção da Índia no então Paquistão Oriental.

Só em 1975-6 ocorreu uma certa mudança de intenções: a Índia sentia que não lhe restavam outras opções diplomáticas, além da União Soviética. Com suas relações com Washington estremecidas em virtude de auxílio militar ao Paquistão, Nova Déli voltou-se novamente para Pequim. Este, por sua vez, pretendendo minar a "entente" Índia-URSS reagiu favoravelmente. O clima atual é de redução das tensões, já que as disputas territoriais, se não estão resolvidas, estão contidas. A Índia considera ainda que o incremento da rivalidade sino-soviética virá, na atual situação, em detrimento da Índia. Em consequência, agora era a vez de o Paquistão preocupar-se com a aproximação Índia-China, mas esta lhe assegurou constante amizade e apoio; realidade era a Índia buscando novas opções diplomáticas e a China procurando ampliar sua influência no sul da Ásia.

Por isto mesmo, a China também encetou relações diplomáticas com Bangladesh, depois da deposição do líder Mujibur Rahman, que desaprovava a aproximação com a China e era apoiado pela Índia e pela URSS. O novo governo de Bangladesh, desde agosto de 1975, demonstra propensão a manter ligações mútuas com a China o que esta, como vimos, muito desejava.

Após a morte de Mao Tsé-tung, a política chinesa para com esses três países não tem sofrido mudanças; é, antes, um aprimoramento das atitudes que vinham sendo tomadas. Com Bangladesh as relações passaram das palavras à ação: acordos científicos e tecnológicos e o envio de 4 esquadrões de Mig 21 chineses. Os pilotos de Bangladesh são formados na China.

Quanto ao Paquistão, as relações mantêm-se amistosas, mas os chineses mostram-se um tanto reservados, porque pretendem incrementar suas relações com

a Índia. Nova Déli atribui muito valor ao apoio que recebe de Moscou, inclusive material bélico, além de lhe desagradar o estreitamento das ligações China-Paquistão.

Tudo indica, no entanto, que o novo governo indiano, de Morarji Desai, eleito em março último, busca uma política de equilíbrio, de não alinhamento, isto é, reduzir a influência soviética e buscar relações com Washington e Pequim. Mas ainda é cedo para se ver resultados concretos.

ILAÇÕES FINAIS

Desde a morte de Mao Tsé-tung uma nova liderança chinesa aparece no governo e se dedica a lentamente apagar os vestígios das teses políticas radicais. O que hoje é plano de governo, há pouco mais de um ano era considerado heresia.

Teng Hsiao-ping e Hua-feng dominam a situação, mas esta dependerá da continuação do apoio dos militares do marechal Yeh Chien-Ying. Passado mais de um ano da morte de Mao Tsé-tung vemos que a China emergiu intacta da morte deste. Por isto, o regime atual tem condições de perseguir uma política externa ativa e influente, por se considerar atualmente a potência chave na Ásia e em condições de atuar como superpotência nos assuntos afro-asiáticos.

Podemos concluir que a principal distinção entre os dois grupos que se digladiam — agora com prevalência dos moderados — está nas prioridades relativas que cada um atribui ao desenvolvimento econômico e à igualdade socioeconômica. O grupo moderado considera que a estabilidade política e institucional são fundamentais ao desenvolvimento e, por isso, aceita um certo grau de desigualdade social. Já os radicais — um verdadeiro amálgama de forças políticas — considera que para a igualdade social e econômica é inevitável uma contínua revolução e, mesmo, certa desordem política.

A busca do apoio do povo será uma ação que continua: "as armas adversárias nada poderão contra um exército que se move no meio do povo como peixe na água".

Vê-se que um processo de "desmaoização" já começou. Parece abandonada uma das bases do maoísmo, segundo a qual "o fuzil obedece ao partido".

A nova herança chinesa, particularmente Teng Hsiao-ping, considera essencial para a modernização da China o aprendizado com outros países, pois, ao contrário dos radicais, acha que a China poderá buscar tecnologia e manter contatos mais cerrados com o Ocidente sem ficar "inoculada". A classe dirigente atual vê o desenvolvimento do país à custa de certos dogmas do socialismo prático e da velha usança chinesa de "basta-se a si própria".

As relações da China com o resto do Mundo estarão, por algum tempo, muito dependentes da ênfase que der à recuperação de seu atraso cultural e econômico.

A pressa com que agora busca a modernização provém da consciência de seu atraso em relação à União Soviética. Provavelmente, quando a China se conside-

rar forte também economicamente — já o é politicamente — buscará um estendimento com a União Soviética, pois, assim, conseguirá o tão desejado equilíbrio que agora se obriga a romper.

A melhoria das relações com os EUA será lenta, pois há um forte grupo que considera inaceitável ter a URSS em substituição dos EUA como principal ameaça. Formosa af está. Esta não é, todavia, a opinião prevalecente entre os atuais dirigentes da China.

Hoje Pequim busca a amizade japonesa e deseja aproveitar-se do descontentamento do Japão com a URSS para assinar um tratado de amizade e cooperação. A citada cláusula anti-hegemonia vem dificultando porque o Japão não deseja comprometer suas relações com os soviéticos.

Em suma, a China volta-se célere e decididamente para seus problemas internos e já elaborou planos decenais de reequipamento de suas forças, de modo a tornar-se — este é o objetivo — uma superpotência mundial no ano 2000.